

## A ALTERNÂNCIA [SNSUJEITO + PRONOME ANAFÓRICO + VERBO] e [SNSUJEITO + VERBO] NOS DOMÍNIOS JORNALÍSTICO E ACADÊMICO NA MODALIDADE ORAL

ELIAINE DE MORAIS BELFORD GOMES  
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

*ABSTRACT: The aim of this article is to present an on-going research which analyzes one kind of topic usually known as left-dislocation. This study discusses the proposal of an empirical analysis, based on recent recorded TV interviews and classes from different Brazilian speakers. The structure under analysis shows variation in speech (presence or absence of a pronoun). Therefore the study follows the Labovian Variationist theory associated to functionalist principles. Our analysis investigates the significance of grammatical and discursive factors in the referred structure. We present a hypothesis about the influence of topic continuity on the selection of variants. We also discuss some prosodic aspects related to the phenomenon, as the intonation curve of the NP and the presence of pause between the NP and the anaphoric pronoun. We believe the results will reassure the relevance of the topic notion in discourse organization of spoken Brazilian Portuguese.*

*Key words: topic, genre, variation, functionalism, discourse, prosody*

### 1. Introdução

Este trabalho analisa um entre os tipos de Construções de Tópico classificados pela teoria linguística como Deslocamento à Esquerda de sujeito. A título de exemplo, vejamos as duas construções (num mesmo evento comunicativo), encontradas na fala do português brasileiro:

- (1) “**O cérebro**, como máquina, **ele tem que ser tratado** de forma que você entenda em que momento...”
- (2) “**O cérebro tem** toda uma técnica, uma necessidade para que ele funcione melhor...”

Ambas se alternaram durante a fala de um professor que ministrou uma aula intitulada “Técnicas de Memorização”.<sup>1</sup> Em tais exemplos, temos a alternância entre a estrutura [Sintagma Nominal Sujeito + Pronome Anafórico + Verbo], conhecida como Deslocamento à Esquerda e a estrutura [Sintagma Nominal Sujeito + Verbo]. Para a tradição gramatical (que privilegia a modalidade escrita), o Deslocamento à Esquerda é visto, de uma maneira geral, como figura de linguagem (pleonasma) e, muitas vezes, nem mesmo é encontrado nas gramáticas de orientação normativa. Diante disso, nosso objeto de estudo é a alternância entre tal estrutura e a estrutura na qual não há a retomada do SN através de um pronome anafórico. Para tanto, utilizamos uma amostra de fala atual do português brasileiro, visando a investigar a função dessa construção na produção de diferentes gêneros discursivos, a saber: entrevistas televisivas e aulas.

Neste artigo, explicitaremos o fenômeno em estudo, indicando a base teórica para o desenvolvimento da pesquisa, mostrando os possíveis caminhos para verificar os contextos discursivos que propiciam o uso de uma ou de outra estrutura.

Logo após os pressupostos teóricos, mencionaremos alguns autores que já estudaram a estrutura em questão, destacando nosso diferencial com relação a esses trabalhos e falaremos, também, sobre os dados e a metodologia que estão sendo utilizados nesta pesquisa.

Por fim, apresentaremos as hipóteses levantadas para a ocorrência do pronome anafórico, retomando o SN e, também, falaremos sobre alguns aspectos prosódicos que estamos utilizando em nosso estudo, como a curva entonação do SN e a ocorrência ou não de pausa entre o SN e o pronome anafórico. Acompanhando as hipóteses, mostramos alguns resultados iniciais.<sup>2</sup>

## 2. Sobre o deslocamento à esquerda

Devido ao fato de haver classificações distintas com relação ao termo tópico, apresentamos, a seguir, uma breve explanação sobre o conceito aplicado neste trabalho. Sintaticamente, as Construções de Tópico (CTs) são constituídas por um Sintagma Nominal (SN) acompanhado de uma sentença-comentário, diferenciando-se, assim, da estrutura sintática atribuída pela tradição gramatical à língua portuguesa, que é a de sujeito-predicado. No que se refere ao aspecto discursivo, o tópico (representado sintaticamente por um

---

<sup>1</sup> Ambos os exemplos foram retirados de material disponibilizado na internet, no site “www.youtube.com”, em 2011, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=OpN5FmS7ulw>.

<sup>2</sup> Esta pesquisa é parte de minha Tese de Doutorado em Linguística, no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e tem sua conclusão prevista para fevereiro de 2016, quando apresentaremos os resultados plenos.

SN) atrai para si a atenção do ouvinte, determinando o elemento sobre o qual se faz um comentário, elaborado em sentença com sujeito e predicado.

O Deslocamento à Esquerda constitui um dos tipos de Construções de Tópico (CTs). De um modo geral, as CTs podem ser divididas em quatro tipos de acordo com a teoria linguística. Tal tipologia foi proposta em Pontes (1987) e é retomada por Vasco (1999, 2006) e Orsini (2003).

Os dois primeiros tipos são considerados como estruturas que apresentam um vínculo sintático entre o tópico e o comentário:

1. **Deslocamentos à Esquerda (DEs):** nesse caso, verifica-se a retomada do elemento inicial na sentença-comentário. É o que ocorre nos exemplos: (3) “**Os livros, eles** estão em cima da mesa.”<sup>3</sup>; (4) “**Meu sogro coitado ele** já fez tanta coisa na vida,”, nos quais houve um deslocamento à esquerda do sujeito das orações com retomada do componente inicial na sentença-comentário na forma dos pronomes *eles* e *ele*.

2. **Topicalizações (TOPs):** nesse tipo, pode-se reconstituir o movimento do termo topicalizado, sem retomada do componente inicial na sentença-comentário. É o que temos nos exemplos: (5) “**Dessa cerveja** eu não bebo.”; (6) “**A roupa** a escola faz;”, nos quais os complementos (indireto e direto) são deslocados para o início da oração, invertendo, assim, a ordem canônica do Português Brasileiro (PB) que seria SVO (Sujeito + Verbo + Objeto).

3. **Anacoluto ou “Duplo Sujeito”:** o terceiro tipo de CTs caracteriza-se por não haver vínculo sintático entre tópico e comentário. Não se verifica nem a topicalização nem o deslocamento de nenhum elemento. É o que acontece em: (7) “**Eu** agora, cabô desculpa de concurso, né?”; (8) “E **esse menino**, a gente mexia com os outros no ônibus, às vezes os outros passava, a gente mexia, a gente ria.” Os Sintagmas Nominais (SNs) **Eu** e **esse menino** não apresentam vínculo sintático com o comentário posterior, sendo a relação puramente semântica.

4. **Construções de tópico-sujeito:** O quarto e último tipo é o chamado tópico-sujeito. Tal caso caracteriza as CTs de maneira que a estrutura sintática sugere a reanálise dos elementos topicalizados como sujeitos gramaticais. O tópico assume, assim, alguns traços de sujeito, como, por exemplo, a concordância verbal, colaborando para a manutenção da ordem canônica do Português do Brasil (SVO). Nos exemplos a seguir, temos: (9) “**Essa casa** bate bastante sol.”; (10) “... e **a carne seca** já deu uma fervura, já tirou aquela gordura,...”. Aqui, pode interpretar-se **Essa casa** e **a carne seca** como sujeitos devido à ordem canônica SVO, ou seja, esse tipo de CT apresenta estruturas sintáticas aparentemente semelhantes à ordem mais natural do português. Dos quatro tipos acima apresentados, nos limitamos ao estudo do primeiro, por virmos observando seu uso crescente em alguns gêneros na língua falada.

<sup>3</sup> Todos os exemplos citados nesta seção (3 ao 10) foram retirados do Projeto PEUL/UFRJ (ano 2000) e de Pontes (1981,1987).

### 3. Pressupostos teóricos

Uma das correntes teóricas à qual nossa pesquisa está vinculada é a Teoria da Variação e Mudança Linguística por se tratar de uma alternância entre duas estruturas basicamente equivalentes. Citamos Cedergren (1983: 149) (*apud* Bentivoglio, 1987: 7):

A variação em todo o nível da organização do sistema linguístico constitui o campo predileto da pesquisa sociolinguística. É essencialmente por meio da variação que se manifestam os parâmetros de diferenciação social, os processos dinâmicos de variação estilística e a interação de fatores do sistema linguístico. É por isso que se denominam variacionistas os trabalhos de pesquisa realizados dentro desse modelo... (A análise da variação). Apoia-se, sem se limitar, nas descobertas da teoria linguística abstrata, e supõe como critério de validação da teoria a convergência dos resultados de análise empíricos realizados independentemente sobre distintos corpora.

Nosso objetivo é identificar em que situação um grupo de indivíduos tende a empregar uma ou outra variante, verificando os parâmetros correlacionados ao seu uso. Particularmente na nossa pesquisa, reconhecemos a ocorrência de uma variação entre a estrutura [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo] alternando com [SNSuj + Verbo], variação essa que é passível de sistematização, uma vez que tanto uma construção como a outra podem alternar-se no mesmo contexto linguístico e social.

À orientação teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguística Laboviana, associaremos alguns aspectos da Linguística Funcional, uma vez que é uma “linguística baseada no uso, cuja tendência principal é observar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística” e que “de acordo com essa concepção, a sintaxe é uma estrutura em constante mutação em consequência das vicissitudes do discurso.” (Martelotta & Areas, 2003: 23).

Um dos princípios do funcionalismo que é de particular interesse para a estrutura a ser analisada é o da **marcação**. Givón (1995) estabelece três critérios principais para a distinção entre categorias marcadas e categorias não-marcadas, a saber: **complexidade estrutural** (a estrutura marcada tende a ser mais complexa, ou maior, que a estrutura não-marcada correspondente); **distribuição de frequência** (a estrutura marcada tende a ser menos frequente do que a estrutura não marcada correspondente); **complexidade cognitiva**: a estrutura marcada tende a ser cognitivamente mais complexa do que a estrutura não-marcada correspondente. Aplicando tal conceito ao nosso objeto de estudo, em princípio, a estrutura [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo] representaria uma estrutura marcada. Para isso, deve encaixar-se nos critérios acima: ser maior (ter mais componentes), ser menos frequente (critério 2) e ser cognitivamente mais complexa, opondo-se à estrutura [SNSuj + Verbo] que, por sua vez, representaria o pólo oposto. Quanto ao fato de a estrutura [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo] ser cognitivamente mais complexa trata-se de uma

questão em aberto, pois, à primeira vista, a retomada anafórica parece, pelo contrário, facilitar a compreensão. O próprio Givón (1995) reconhece a dificuldade de lidar com esse aspecto da complexidade.

Além da orientação teórico-metodológica da Teoria da Variação e Mudança Linguística Laboviana, e dos conceitos da Linguística Funcional apresentados, estamos utilizando alguns conceitos da análise de Gêneros Discursivos.

Tomamos como base os estudos de Bakhtin (2003). Nesse trabalho, o autor defende que a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero de discurso, o que ele define como formas relativamente estáveis de enunciados: “Nós assimilamos as formas da língua somente nas formas das enunciações e justamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas dos enunciados, isto é, os gêneros do discurso, chegam à nossa experiência e à nossa consciência em conjunto e estreitamente vinculadas.” (2003: 282, 283)

Também consideramos os estudos de Paredes Silva (2010), que aborda os conceitos de gêneros e tipos de texto e mostra como tais concepções necessitam estar bem definidas para evitar dificuldades em suas aplicações a análises empíricas. Às vezes, um gênero pode ser facilmente identificado, mas os tipos ou sequências que o constituem não, dificultando o trabalho. Diante disso, a autora discute alguns conceitos fundamentais como: gênero de discurso ou gênero textual e tipo de texto.

Outro aspecto que estamos considerando é o nível de planejamento dos gêneros. Por isso, relevante para nossa análise, também temos o trabalho de Ochs (1979) sobre discurso planejado e não-planejado, no qual a autora apresenta as seguintes definições (1979: 55): **discurso relativamente não-planejado** é o discurso em que há a ausência de premeditação e preparação organizacional; **discurso relativamente planejado** é o discurso em que há premeditação e é organizado (preparado) previamente. Estamos utilizando seu estudo para verificar se os gêneros aqui analisados caracterizam-se por um planejamento prévio de conteúdo, mas não de forma, o que favoreceria a retomada anafórica.

Outro trabalho que tomamos como base, também, é o de Marcuschi (2008). Em seus estudos sobre gêneros discursivos, apresenta-nos a noção de gênero textual, tipo textual e domínio discursivo. O tipo textual seria uma espécie de construção teórica, o que conhecemos como narração, argumentação e descrição, por exemplo. Já o gênero textual corresponde aos textos que encontramos em nossa vida diária como um telefonema, uma carta pessoal, um bilhete, entre outros. E por fim, o domínio discursivo seria, citando Bakhtin (2003), uma “esfera da atividade humana”, indicando instâncias discursivas, como por exemplo, discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc. Em nosso estudo, utilizamos tais distribuições, em que um domínio discursivo dá origem a vários gêneros. Os dois domínios com que estamos trabalhando, em particular, são: o jornalístico e o acadêmico, na tentativa de neles inserir o papel da estrutura que estamos pesquisando.

Assim, estamos fazendo uso dos gêneros não “como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas na linguagem, [...] gêneros como entidades dinâmicas,” (Miller, 1984, *apud* Marcuschi 2008: 151) para tentar explicar a alternância [SNSujeito + Verbo] e [SNSujeito + Pronome Anafórico + Verbo].

#### 4. Estudos anteriores

Outros autores já estudaram a estrutura em questão: **Pontes (1981, 1987)** foi uma das precursoras a estudar o fenômeno. A autora traz o assunto à discussão, mostrando como tais estruturas estão presentes na frase do português falado do Brasil. Seu trabalho se dá com o português oral na década de 80 do século passado. Seus exemplos foram colhidos no uso real da língua e seus informantes foram representantes da classe culta de Belo Horizonte, pessoas de nível universitário. Pontes não somente levanta as ocorrências das estruturas que ela denomina como Construções de Tópico, mas também sua abrangência, sua semelhança com estruturas que ocorrem em outras línguas, caracterizando-as para um melhor reconhecimento e identificação.

**Braga (1987)** realiza um trabalho variacionista, tratando de dois tipos de Construções de Tópico, a saber: topicalizações (de objeto) e deslocamentos [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo]. Seus exemplos foram obtidos do discurso oral de falantes não-adultos e adultos, encontrado nas amostras do acervo do Projeto PEUL/UFRJ, da década de 80. Especificamente, no que se refere aos deslocamentos, Braga discute três variáveis linguísticas como influentes em seu uso: dimensão do SN deslocado à esquerda, presença de elementos interferentes entre o SN deslocado à esquerda e a proposição a ele referente e caráter animado do SN deslocado.

O trabalho de **Callou *et al.* (1993)** leva em consideração a prosódia no estudo dos deslocamentos. Os autores verificaram que, confrontando o comportamento prosódico de estruturas de tópico/comentário com estruturas de sujeito/predicado, a prosódia marca a distinção entre as mesmas. Além disso, verificou-se, também, que, na maioria dos casos, não há pausa entre sujeito e predicado, nem entre construções de tópico e comentário.

**Duarte (1995)**, em sua tese de doutorado, dedica um capítulo inteiro à estrutura que nos propomos a estudar [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo], a qual ela denomina como duplo sujeito. Entre outras observações, Duarte (1995) afirma que tal estrutura não parece estar sendo uma característica apenas do Português Brasileiro. Ela também lembra que tais estruturas, típicas da fala, são encontradas no francês, língua de sujeito preenchido, mas se acham ausentes de línguas de sujeito nulo, como o espanhol e o italiano, em que pode aparecer um pronome cópia de um Sintagma Nominal Objeto e não Sujeito. Além disso, mostra, também, que existe uma infiltração de tal estrutura na modalidade escrita, incluindo crianças em fase de alfabetização e estudantes universitários.

**Vasco (1999 e 2006)** também realiza um estudo sobre a estrutura [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo], entre outras que ele enquadra no grupo das Construções de Tópico. Em Vasco (1999), seu objetivo principal foi analisar tais construções nas falas brasileira e portuguesa, a partir de registros orais de ambas as variedades. Seu estudo teve a preocupação de responder a três questões: se seria o português do Brasil de fato uma língua de tópico; que construções de tópico caracterizariam as variedades dos dois países; e se a implementação de certas construções de tópico no português brasileiro estaria relacionada a outras mudanças pelas quais passa o sistema pronominal dessa variedade. Já em Vasco (2006), o autor estudou as Construções de Tópico na fala popular carioca, por já ter a fala culta sido abordada em Vasco (1999) e por ser a modalidade popular, teoricamente, menos sujeita a restrições de caráter normativo. O autor procurou relacionar tais estruturas na fala popular às observadas nas modalidades cultas do Português do Brasil e do Português Europeu e as mudanças que distanciam uma e outra variedade.

Também podemos citar o trabalho de **Orsini (2003)** que, da mesma maneira que Callou *et al.* (1993), levou em consideração a prosódia no estudo dos deslocamentos e constatou que, do total das construções de sujeito, a maioria não apresentou pausa entre sujeito e predicado, bem como não se verificou pausa entre tópico e comentário. Contudo, as construções de deslocamento à esquerda revelaram um comportamento entonacional bastante peculiar, destacando-se a presença de pausa entre tópico e comentário, apontando para a existência de três padrões prosódicos distintos.

**Belford (2006)** (nossa dissertação de mestrado) analisou dois entre os tipos de Construção de Tópico, assim classificados pela teoria linguística: a topicalização de objetos e o deslocamento à esquerda de sujeitos. A análise foi norteadada pela perspectiva teórica da sociolinguística variacionista laboviana. O estudo baseou-se em um *corpus* constituído de 22 entrevistas do Projeto PEUL (ano 2000) com falantes cariocas representativos de diferentes estratos sociais (marcados por sexo, faixa etária e escolaridade). Encontrou-se uma baixa frequência de topicalizações e deslocamentos em relação à estrutura canônica tanto de uma como de outra construção. Para a ordem variável do objeto, foram encontrados 18% de topicalizações. Para a variação entre estruturas com retomada de pronome e sem retomada de pronome como sujeito, foram encontrados 15% para deslocamentos.

Em tal análise varacionista, comprovou-se que fatores como a transitividade do verbo, o *status* informacional de um referente, a presença ou ausência de sujeito, e o caráter contrastivo do elemento podem influenciar na utilização ou não de tais construções de tópico.

Especificamente com relação aos deslocamentos à esquerda, os fatores linguísticos apontados como seus maiores favorecedores (conforme já atestava Braga 1987) foram a presença ou ausência de elemento interferente entre o SN e seu comentário e a natureza do verbo da oração.

De um modo geral, apresentaram-se fatores que favorecem o uso de topicalizações e deslocamentos, reconhecendo, assim, os contextos em que a comunidade linguística carioca tende a utilizar as construções de tópico em análise. Tais resultados reforçaram a natureza discursiva do tópico, categoria que não se identifica com o sujeito ou com o objeto.

Mais recentemente, **Braga & Mollica (2010)** realizaram um estudo da estrutura SNpleno + SNpronominal, comparando amostras com uma diferença de 20 anos. O *corpus* utilizado para tal estudo compreendeu apenas orações independentes extraídas de um mesmo gênero textual: as entrevistas sociolinguísticas que integram o banco de dados do PEUL-Projeto de Estudos do Uso Linguístico, da UFRJ. Foram examinadas as amostras de fala de 31 entrevistas, 15 das quais coletadas entre as décadas de 70 e início de 80 (Amostra 80) e 16 no início da nossa década (Amostra 00 – Censo)<sup>4</sup>. Tal estudo incluiu, também, o aspecto entonacional, considerando que as estruturas em análise podem ser representadas como uma sequência de unidades entonacionais, separadas por pausa. Como resultado da comparação das amostras, as autoras observaram que a variante SNpleno + (material interveniente) + SNpronominal, em contraposição à variante não-marcada (sem pronome), apresenta um valor de aplicação da ordem de 5,3% considerando-se todo o universo de dados trabalhados em ambas as amostras, a dos anos 80 e a de 2000 conjuntamente.

Ainda sobre o fenômeno, devemos mencionar, por fim, o trabalho de **Cunha Vieira (2014)**, que realizou uma pesquisa sobre os deslocamentos no Português do Brasil, no gênero textual Podcast de temática Nerd. Seu foco foi a caracterização dessa estrutura nos níveis sintático, prosódico e funcional.

Com relação a tais pesquisas anteriores, nosso trabalho se propõe a analisar apenas uma das construções que se podem incluir sob o amplo rótulo de Construções de Tópico: [SNSuj + Pron. Anaf. + Verbo], de uma perspectiva variacionista, alternando com [SNSuj + Verbo]. Pretendemos incorporar os aspectos atestados em trabalhos anteriores, mas acima de tudo discutir a relação entre tais construções e determinados gêneros textuais, verificando até que ponto os gêneros favoreceriam seu uso ou mesmo se elas chegariam a constituir um traço diferencial desses gêneros. Além disso, estamos realizando, também, uma análise entonacional do fenômeno, uma vez que a prosódia tem-se mostrado relevante para a caracterização das estruturas em questão.

---

<sup>4</sup> Vale ressaltar que esta 2.<sup>a</sup> amostra utilizada pelas autoras foi a mesma utilizada por Belford (2006).



## 5. O corpus e metodologia

Os dados utilizados nesta pesquisa provêm de amostras atuais de fala (a partir de 2007) em diferentes contextos discursivos, selecionadas, do site “www.youtube.com” (domínio jornalístico – gênero entrevista televisiva), de gravação obtida na Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e de material obtido através da gravação autorizada de aulas de um curso de “pré-vestibular” na cidade do Rio de Janeiro (domínio acadêmico – gênero aula).

Apresentamos um quadro resumido do apresentado por Marcuschi (2008:194, 195). Observar que os grifos referem-se à modalidade, domínio e gênero com que estamos trabalhando.<sup>5</sup>

DOMÍNIOS DISCURSIVOS	MODALIDADES DE USO DA LÍNGUA	
	ESCRITA	<u>ORALIDADE</u>
<u>Acadêmico</u> , científico e educacional	artigos científicos; verbetes de enciclopédia; relatórios científicos	<u>aulas</u> ; conferências; debates; discussões
<u>Jornalístico</u>	editoriais, notícias, reportagens	<u>entrevistas televisivas</u> ; notícias de rádio; boletim do tempo
Religioso	orações; rezas; catecismo	sermões; confissão; cantorias
Saúde	receita médica; bula de remédio; parecer médico	consulta; entrevista médica; conselho médico
Comercial	rótulo; nota de venda; fatura	publicidade de feira; publicidade de TV; publicidade de rádio
Industrial	instruções de montagem; descrição de obras; avisos	ordens

Quadro 1: Gêneros textuais por domínios discursivos e modalidades

Marcuschi faz tal separação, na qual certos gêneros são agrupados sob o mesmo domínio discursivo, entendido como uma esfera da vida social ou institucional em que se dão práticas que organizam formas de comunicação e respectivas estratégias de compreensão, funcionando como enquadres globais de superordenação comunicativa, subordinando práticas sociodiscursivas orais e escritas que resultam nos gêneros. Podemos observar, também, que alguns gêneros, mesmo sob o mesmo domínio, apresentam suas próprias característi-

<sup>5</sup> Estamos, também, levantando dados do domínio religioso, do gênero sermão. Contudo, ainda não temos resultados referentes a esse gênero, pois a quantidade de material coletado ainda é inexpressiva.

cas. Por exemplo, no domínio jornalístico, nas entrevistas televisivas, espera-se ouvir a opinião de alguém sobre algo; já um boletim de tempo, por sua vez, apenas nos dá uma informação, sem a apresentação de opinião.

Como estratégia para delimitação do segmento discursivo em que dados são obtidos em cada gênero, lançamos mão do critério de distância de Givón (1983) denominada “distância referencial”, um dos aspectos considerados para medir o grau de continuidade de um tópico no discurso. Para o autor, essa é uma medida que avalia o intervalo entre a ocorrência de um referente em uma oração e sua menção prévia no discurso. Esse intervalo é computado segundo o número de orações à esquerda. Sua sugestão é o limite de 20 orações à esquerda. Quando o referente/tópico não aparece nesse alcance, o valor de 20 orações é atribuído e a busca é finalizada, constatando-se a descontinuidade.

Para a análise dos dados do fenômeno, utilizaremos o pacote de programas estatísticos denominado Goldvarb (versão X) (Sankoff, D., Tagliamonte, S. & Smith, E., 2005)<sup>6</sup>, que realiza uma contagem das ocorrências, o cálculo das percentagens de aplicação para os fatores linguísticos formulados e o peso relativo de cada um deles, segundo as hipóteses que apresentaremos a seguir.

Para realizar a análise acústica das sentenças encontradas no *corpus* acima mencionado, utilizamos o programa PRAAT (programa computacional utilizado para análise e síntese da fala), que fornece a curva melódica, a duração e a intensidade do enunciado.

## 6. Hipóteses e alguns resultados

Em nossa pesquisa, apresentamos as hipóteses levantadas, levando em consideração três aspectos: o gramatical, o discursivo e o entonacional. Nossa intenção é aplicar cada um deles nos domínios discursivos com os quais estamos trabalhando.

**Em primeiro lugar**, levantamos algumas hipóteses de **cunho gramatical** para nosso fenômeno de variação. Uma delas é a de que a presença de elementos interferentes entre o SN e o predicado favorecerá a ocorrência do pronome co-referencial. Outra hipótese está relacionada à dimensão do SN: SNs “longos” (formados por um grande número de sílabas) favoreceriam o aparecimento de um pronome co-referencial.

Além dessas hipóteses de cunho sintático, também trabalhamos com outras de **caráter discursivo**, com o intuito de discutir o desencadeamento dos tópicos, contribuindo para a sua organização no discurso oral. Nossa hipótese é de que a estrutura [Sintagma Nominal Sujeito + Pronome Anafórico + Verbo] parece apresentar-se como um procedimento discursivo utilizado

---

<sup>6</sup> Vale ressaltar que, até o momento, os dados coletados ainda não são suficientes para serem rodados no programa. Os resultados apresentados neste artigo são uma prévia do que se espera encontrar ao final da pesquisa.

pelo falante para marcar uma retomada ou uma troca de tópico frasal<sup>7</sup>, confirmando a existência de uma estrutura interna do enunciado, por meio da qual o falante destaca conceitos do texto para o ouvinte. Isso nos remete ao que Givón (1983) caracteriza como uma estratégia de continuidade tópica.

**Em terceiro lugar**, apresentamos algumas hipóteses de **caráter entonacional**, como as diferenças entonacionais entre as estruturas de Deslocamento à Esquerda e de sujeito/predicado e a ocorrência ou não de pausa entre o SN e o pronome anafórico.

A título de ilustração da pesquisa ainda em curso, neste artigo, optamos por mostrar resultados do aspecto gramatical no domínio jornalístico e do aspecto entonacional no domínio acadêmico.

### 6.1 Hipóteses e resultados no domínio jornalístico

Até o presente momento, analisando 10 entrevistas televisivas, identificamos 160 ocorrências do fenômeno variável, sendo 38 com a estrutura [SNSujeito + Pronome Anafórico + Verbo] e 122 com a estrutura [SN + Verbo], o que equivale a 24% dos dados. Para explicar os casos de ocorrência da estrutura com o pronome co-referencial, apresentamos os exemplos a seguir, considerando o aspecto gramatical.

Nossa hipótese é a de que a presença de elementos interferentes entre o SNSujeito e o Verbo favoreceria a ocorrência do pronome co-referencial. Propusemos dois grupos de fatores<sup>8</sup>:

a) Não há elemento interferente entre o SNSujeito e o Verbo.

(11) “... que **esse candidato** *ele* **é trabalhado** durante oito anos no governo que me antecedeu...”

(12) “Esse pedido dele foi negado em dezembro.”

b) Presença de elemento interferente.

(13) “E **a alfabetização**, exatamente na conclusão do primeiro ciclo da primeira infância, *ela* **tem que funcionar** e hoje não está funcionando.”

(14) “**Os alunos no governo Otávio Leite** não **serão** alunos-problema...”

Quanto à esta variável, vemos os resultados a seguir.

<sup>7</sup> Vale aqui esclarecer uma questão terminológica referente ao termo tópico. Chamamos de **tópico frasal** o constituinte de uma frase que recupera um elemento já mencionado, o referente/tópico de Givón (1983). Ele se diferencia do **tópico discursivo**, que representa uma ideia geral, mais abrangente, sinônima de tema ou assunto.

<sup>8</sup> Os exemplos 11 a 14 foram retirados de uma entrevista televisiva com os candidatos à Prefeitura do Rio de Janeiro, em 2012, e pode ser acessado através do link [https://www.youtube.com/watch?v=KdjeBx\\_P7qU](https://www.youtube.com/watch?v=KdjeBx_P7qU).

Fatores	Apl/T	Frequência
Presença de elemento interferente	28 / 38	73%
Ausência de elemento interferente	10 / 38	27%
Total	38 / 160	24%

Tabela 1 – Uso de DEs em relação à Presença ou Ausência de Elemento Interferente

Diante de tais números, verificamos que a presença de elementos interferentes entre o SN e o comentário a ele referente parece favorecer o aparecimento de um pronome co-referencial. Pontes (1987: 26) ao tecer comentários sobre o “pronome-cópia” diz que o mesmo caracteriza-se como um co-referente ao sujeito e que, mesmo parecendo uma redundância a princípio, tal pronome contribui para caracterizar o tópico. Além disso, apresenta uma segunda função desse pronome que está relacionada à presença de elemento interferente. Segundo a autora, o aparecimento do pronome co-referente pode ser explicado exatamente pela distância entre o tópico e o verbo ao qual está ligado. Pontes também cita Givón (1979) que explica a ocorrência do pronome pela necessidade de se deixar claro o referente. Num exemplo como (13), o longo elemento interferente distancia o tópico de seu comentário, levando o falante a utilizar o recurso do pronome para não deixar dúvidas sobre o objeto do comentário. Reforça também a ideia de que o elemento anteposto tem um papel próprio, de estabelecer o que Chafe (1976) chama de “quadro de referência”, antes de a oração seguir com seus termos (sujeito pronominal e verbo).

## 6.2 Hipóteses e resultados no domínio acadêmico

Até o presente momento, tendo analisado 10 gravações do gênero aula, identificamos 140 ocorrências do fenômeno variável, sendo 30 com a estrutura [SNSujeito + Pronome Anafórico + Verbo] e 110 com a estrutura [SN + Verbo]. Levando em consideração o aspecto entonacional para os casos com a estrutura acompanhada de pronome referencial, podemos tecer alguns comentários que caracterizam tal construção. Vejamos os dois grupos a seguir.

### 6.2.1 Diferenças entonacionais entre as estruturas de Deslocamento à Esquerda [SNSujeito + Pronome Anafórico + Verbo] e de sujeito/predicado [SN + Verbo]

Nossa hipótese é a de que a estrutura que contém o pronome apresenta uma curva entonacional peculiar.

a) Estrutura [SNSujeito + Verbo]

(15) “**O lado direito** é o lado das conjecturas, é o lado do pensamento propriamente dito..”<sup>9</sup>

b) Estrutura [SNSujeito + pronome anafórico + Verbo]

<sup>9</sup> Os exemplos 15 e 16 foram retirados de material disponibilizado na internet, no site “www.youtube.com”, em 2011, através do link <https://www.youtube.com/watch?v=OpN5FmS7ulw>.

- (16) “Mas, em princípio, **o lado direito ele vai ser** fundamental para você aprender coisas novas...”

Em ambos, temos o mesmo SNSujeito, formado por três vocábulos (o lado direito), no qual aqueles com mais de uma sílaba (*lado* e *direito*) são palavras paroxítonas. O traço que foi analisado é a curva entonacional, o valor de F0<sup>10</sup>. Levando em consideração as subidas nas vogais tônicas das sílabas de ambas as palavras (-la) e (-rei), o resultado da análise realizada no programa de análise acústica PRAAT, mostrou-nos que:

1. Na construção [SNSujeito + Verbo], ocorre **elevação da curva** na 1.<sup>a</sup> tônica (-la) **menor** que na 2.<sup>a</sup> (-rei);
2. Já na construção [SNSujeito + pronome anafórico + Verbo], ocorre **elevação da curva** na 1.<sup>a</sup> tônica (-la) **maior** que na 2.<sup>a</sup> (-rei).

Este resultado aponta para o mesmo caminho de Orsini (2003) que, em seu estudo das Construções de Tópico, apresentou a existência de padrões prosódicos distintos. A particularidade apresentada na curva entonacional da estrutura [SNSujeito + pronome anafórico + Verbo] ajuda-nos a detectar diferenças prosódicas entre as construções que constituem o foco desta pesquisa. Para Orsini (2003), tais diferenças prosódicas constituem um padrão prosódico e podem se apresentar quando as estruturas em análise seguirem a composição acima apresentada.<sup>11</sup>

### 6.2.2 Presença/ausência de pausa

Um segundo condicionamento que se relacionaria ao fenômeno variável em questão é a presença/ausência de pausa entre o SNSujeito e seu complemento. Verifiquemos os exemplos a seguir.<sup>12</sup>

#### a) Estrutura [SNSujeito + Verbo]

- (17) “**A secretaria** (sem pausa) **vem mostrando**, por intermédio das orientações curriculares...”
- (18) “**As orientações curriculares** (sem pausa) não **determinam** um gênero específico para cada ano de escolaridade.”
- (19) “Em nenhum momento **os Cadernos Pedagógicos** (sem pausa) **vão substituir** a autoria do professor.”

#### b) Estrutura [SNSujeito + pronome anafórico + Verbo]

<sup>10</sup> F0 significa Frequência Fundamental: traço mais significativo para a determinação do padrão entonacional de um enunciado; trata-se de um parâmetro acústico, percebido, pelos interlocutores, como altura de voz (isto é, variações melódicas, na dimensão grave / agudo).

<sup>11</sup> Vale ressaltar que o material utilizado por Orsini (2003) era constituído por um corpus controlado (lido em laboratório por um informante carioca, sendo gravado e, em seguida, digitalizado para possibilitar sua análise acústica). O nosso *corpus* é formado por dados de língua espontânea.

<sup>12</sup> Os exemplos 17 a 22 foram coletados de uma palestra proferida pela consultora educacional da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, no ano de 2012.

- (20) “**Toda concepção**, (pausa) **ela** não **é** uma concepção nova. Ela não começa agora no século XXI.”
- (21) “**As orientações curriculares**, então, (pausa) **elas têm** uma forma bastante interessante, eu diria...”
- (22) “**Essa concepção**, (pausa) **ela trata**... Tem três pontos específicos a questão.”

Até o momento, das 140 ocorrências no gênero aula (30 com a inserção do pronome e 110 sem o aparecimento do pronome), submetemos apenas 10 frases de cada estrutura ao programa PRAAT. Esses resultados estão na tabela 2, abaixo. Nas dez frases representantes da estrutura [SNSujeito + Verbo], em 9 não se verificou a ocorrência de pausa. Já nas frases com a estrutura [SNSujeito + pronome anafórico + Verbo], em 7 houve a inserção de uma pausa.

Estrutura	SNSuj+Verbo	SNSuj+Pron+Verbo
Presença de pausa	1 (1%)	7 (70%)
Ausência de pausa	9 (9%)	3 (30%)
Total	10 (100%)	10 (100%)

Tabela 2 – Uso de DEs em relação à Presença ou Ausência de Pausa

Relacionamos esses resultados preliminares com trabalhos anteriores. Callou *et al.* (1993) apontaram para a ausência de pausa entre sujeito e predicado e entre tópico e comentário. Contudo, trabalhos, como o de Orsini (2003), também verificaram essa ausência nos outros tipos de Construções de Tópico (apresentados na seção 2), excetuando o Deslocamento à Esquerda, no qual se verificou um comportamento característico, justo por apresentar pausa em sua realização. Os resultados apresentados acima tendem a corroborar o resultado da autora, apontando para a inserção de uma pausa no momento da fala quando o pronome anafórico aparece após o SN.

Tais observações ajudam a revelar a importância do estudo da prosódia na caracterização de fenômenos sintáticos e discursivos, e sugerem futuras novidades no trato do fenômeno com o qual estamos trabalhando, no que se refere à interface prosódia-discurso.

## 7. Considerações finais

Neste artigo, buscamos apresentar a análise empírica que estamos desenvolvendo sobre duas estruturas que se apresentam em variação na modalidade oral do português brasileiro: [SNSujeito + Pronome + Verbo] e [SNSujeito + Verbo]. Norteadas pela perspectiva teórica da sociolinguística variacionista laboviana e com base em um material recente de fala espontânea de falantes brasileiros, nosso objetivo está sendo investigar a função da construção, caracterizada pela presença de um pronome anafórico, na produção dos gêneros entrevista televisiva e aula.

Até agora, nossas hipóteses têm se confirmado. A utilização do pronome anafórico pode sugerir uma tentativa comunicativa por parte do falante de deixar claro para o ouvinte sobre quem ou o que se faz um comentário, depois da entrada de elementos “interferentes”. A diferença entonacional e a pausa inserida na frase do falante, quando ele utiliza o pronome co-referencial, reforçam a hipótese de se tratar de uma estrutura discursiva para um melhor esclarecimento do que se quer comunicar.

Ao tentar inserir, nos domínios jornalístico e acadêmico, o papel da estrutura em tela (Deslocamento à Esquerda), discutindo a relação entre eles, temos encontrado algumas semelhanças entre os gêneros em questão. Numa entrevista, por exemplo, ao utilizar o pronome anafórico, o falante parece ter como objetivo esclarecer a informação contida no SN. Ainda numa aula, a utilização do pronome sugere a reiteração do tema proposto pelo SN. Em ambos os casos, observamos uma “intenção” da parte do falante em dar destaque a alguns tópicos, que aparecem e reaparecem no desenrolar do ato comunicativo e, para isso, utilizam-se do pronome como uma estratégia discursiva para reforçar a ideia a transmitir.

Acreditamos que nossos resultados podem contribuir para o conhecimento do uso dessas construções, destacando sua natureza discursiva, principalmente quando observadas em relação à composição de diferentes gêneros discursivos.

## 8. Referências bibliográficas

- Bakhtin, Mikhail (2003). *Estética da criação verbal*. 4.<sup>a</sup> ed. – São Paulo: Martins Fontes.
- Belford, Eliaine de M (2006). *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. Dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bentivoglio, Paola A (1987). A variação nos estudos sintáticos. *Estudos linguísticos. XIV Anais de Seminários do GEL*. Campinas, pp. 7-29.
- Braga, M. L. (1987). Esta dupla manifestação de sujeito, ela é condicionada linguisticamente. *Estudos Linguísticos. XIV Anais de Seminários do GEL*. Campinas, pp. 106-115.
- Braga, M. L. & M. C. Mollica (2010). As estruturas SNpleno + SNpronominal anafórico no Português do Brasil 20 anos depois. In *Língua Portuguesa em foco: ensino-aprendizagem, pesquisa e tradução*, vol. 1. Pensa Multimedia, pp. 85-95.
- Callou, D. et al. (1993). Topicalização e Deslocamento à Esquerda: Sintaxe e Prosódia. In Ataliba Teixeira de Castilho (ed) *Gramática do português falado: as abordagens*, vol. 3. Campinas: Editora da Unicamp / FAPESP, pp. 315-361.
- Chafe, Wallace L. (1976). Givenness, contrastiveness, definiteness, subjects and topics. In Charles Li (ed) *Subject and Topic*. N. York: Academic Press, pp. 27-55.

- Cunha Vieira, André Felipe (2014). *Construção SNpleno-tópicoi + (Material Inter-veniente) + SNproi + Verbo + (Complemento) no Português do Brasil: uma análise funcional baseada no uso*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Duarte, Maria Eugênia Lamoglia (1995). *A perda do princípio 'Evite pronome' no português brasileiro*. Tese de doutorado, Universidade de Campinas.
- Givón, T. (1979). *On understanding grammar*. New York: Academic Press.
- Givón, T. (1983). Topic Continuity in discourse: The functional domain of switch-reference. In John Haiman & Paul W. Munro (eds) *Switch-reference and universal grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. pp. 51-82.
- Givón, T. (1995). *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Marcuschi, Luís Antônio. 2008. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.
- Martelotta, Mário Eduardo & Eduardo Kennedy Areas, (2003). A visão funcionalista da linguagem no século XX. In Maria Angélica F. da Cunha, Mariângela Rios de Oliveira & Mário Martelotta (eds) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP & A, pp. 17-28.
- Ochs, Elinor (1979). Planned and unplanned discourse. In Talmy Givón (ed) *Discourse and Syntax: syntax and semantics*, vol. 12. New York: Academic Press. pp. 51-80.
- Orsini, Monica Tavares (2003). *As Construções de Tópico no Português do Brasil: uma análise sintático-discursiva e prosódica*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Paredes Silva, Vera Lúcia (2010). Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. *Diacrítica* 24/1, pp. 471-490.
- Pontes, Eunice (1981). Da importância do tópico em português. *Anais do V Encontro Nacional de Linguística*, vol. 2, PUC/RJ, pp. 397-429
- Pontes, Eunice (1987). *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes.
- Sankoff, D., S. Tagliamont & E. Smith, (2005). *GoldvarbX: A variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto.
- Vasco, Sérgio L. (1999). *Construções de Tópico no Português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Vasco, Sérgio L. (2006). *Construções de tópico na fala popular*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.